

Casas que sustentam a cena

O pioneirismo da Hands Up, criada em 2012, gerou frutos. Muitas pessoas conheceram a ballroom por meio da house e, depois, fundaram outras casas. A cena brasileira passou a se renovar constantemente, aprendendo com erros anteriores e ampliando acesso à informação e à referência. Hoje, Brasília está no mapa da cena latino-americana e internacional.

Nas praças da Ceilândia, a Casa Abloh começou a se estruturar antes de expandir para outros estados e somar hoje sete capítulos e 33 integrantes. Inspirada na trajetória de Virgil Abloh — estilista negro que ascendeu ao comando criativo de uma das maiores maisons francesas, a Louis Vuitton — a house brasileira constrói uma narrativa própria: transformar dissidência em luxo e periferia em centro.

"Ser mother é uma maneira de honrar minha criança ancestral", afirma Gabrielle Paju, 25, comunicóloga e liderança da casa. Para ela, ocupar esse posto é devolver à comunidade o acolhimento que um dia recebeu. "É como criar uma família onde antes houve rejeição. A gente transforma sonho em realidade juntas."

Apesar da pista ser o palco dessa cultura, a vida acontece nos bastidores, em almoços coletivos, orientações profissionais, conversas sobre identidade e apoio em momentos de crise. As balls, eventos competitivos em que integrantes disputam categorias que vão da moda à dança, são apenas uma parte dessa engrenagem. "Os corpos dissidentes, negros e trans são exaltados ali. É um protagonismo que muitas vezes nos é negado na vida cotidiana", diz Gabrielle.

Em Brasília, outra house ajuda a sustentar essa rede, as Rattunas. Com 13 anos de atuação na cena, Raio de Sol, 28, ocupa o posto de good mother, uma espécie de madrinha que aconselha, orienta e media conflitos. "A ideia de casa já carrega cuidado. O posto existe porque alguém zela pelo coletivo", explica.



Casa de Abloh

Giovanna Kunz/CB/DA Press

Arquivo pessoal



Casa Maniva, capítulo Pará